



FESTA no interior

Formaturas nos campi da UFSC em Araranguá e Curitiba revelam um projeto de expansão que cresce e se consolida, apesar das dificuldades iniciais da implantação ... Págs. 6 e 7



Foco nos movimentos sociais

... pág. 4

Semestre vai até fevereiro

... pág. 5

Jogando e aprendendo a jogar

... pág. 8 e 9



INTERIORIZAÇÃO avança

Depois de mais de 80 dias de greve que paralisou a maioria das atividades docentes e técnico-administrativas, a UFSC volta à normalidade com o início das aulas nesta primeira semana de setembro. O Conselho Universitário aprovou a adaptação do calendário acadêmico, prevenindo o encerramento do ano letivo em fevereiro de 2013.

O *Jornal Universitário* destaca a volta às aulas, mostrando como ficam as atividades acadêmicas no decorrer do segundo semestre. Também apresenta os preparativos para o Vestibular 2013, cujo edital será adaptado para contemplar a nova legislação de cotas aprovada pelo Governo Federal.

Outro destaque desta edição número 429 são as formaturas das primeiras turmas nos campi de Araranguá e Curitiba, um

momento histórico na consolidação da interiorização da instituição. A Agecom deslocou sua equipe para registrar este avanço na expansão da universidade, mostrando a mobilização da comunidade universitária e dos municípios sede para comemorar os primeiros frutos da efetiva presença da UFSC nessas importantes regiões catarinenses.

Nesta edição, nossa equipe quer registrar seu profundo agradecimento aos jornalistas Paulo Clóvis Schmitz, Arley Reis e Cláudia Reis e ao arquiteto Vicenzo Berti, que estão se desligando da Agecom. Esses competentes profissionais prestaram importantes serviços para a universidade, encerrando com afinco o dever de informar, auxiliando na visibilidade pública que consolida a UFSC entre as melhores universidades do país.

Cento e dez dias à frente da UFSC

Trabalhando para garantir uma universidade ética, democrática, responsável e inclusiva

O nosso grande desafio frente à Reitoria da UFSC é realizar todos os esforços para combinar a expansão do número de vagas com a manutenção e melhoria da qualidade acadêmica e científica com inclusão social. Com suas políticas de ensino na graduação e na pós-graduação, na pesquisa e em suas atividades de extensão, a UFSC contribui para o desenvolvimento e a socialização da ciência e da tecnologia, mas, sobretudo e prioritariamente, seu compromisso é com o desenvolvimento humano baseado na ética, na autonomia e na democracia.

A análise de dados sobre a UFSC nos mostra o tamanho do desafio que temos, mas também nos gratifica: estamos trabalhando em uma instituição complexa, multicampi, presente em quatro importantes cidades catarinenses. Uma instituição que, apesar de suas contradições, é dinâmica, reconhecida internacionalmente, referência para o Estado e para o país. Por isso mesmo, temos muito orgulho dela e queremos contribuir para que o seu futuro seja promissor e para todos.

Já iniciamos a reforma administrativa,

pensando na UFSC que queremos. A nova gestão, mesmo convivendo 70 dias com os movimentos das greves nacionais, conseguiu implementar ações que vão desde aquelas voltadas à maior institucionalização de programas como o CTInfra – que garante infraestrutura para o desenvolvimento de pesquisas – até a ampliação do período de venda de passes do Restaurante Universitário, uma antiga demanda da comunidade. Ao mesmo tempo, conseguimos tirar do papel projetos de obras do Reuni, como os novos prédios do CCB, CCE, CFH e dos campi Araranguá e Curitiba.

Nossas ações estão diretamente ligadas ao que chamamos de *republicanização*. A administração pública deve se pautar por princípios como legalidade, impessoalidade e eficiência. São eles que dão o norte da nossa equipe na busca por uma universidade de excelência e mais justa para todos nós – não só nesses últimos 110 dias, mas em todos os outros que ainda virão.

Roselane Neckel e
Lúcia Helena Martins Pacheco
Reitoras

Ranking Universitário Folha aponta UFSC em nono

A UFSC ocupa a nona posição do Ranking Universitário Folha, uma listagem inédita que avalia 232 instituições de ensino superior de todo o país a partir de indicadores de pesquisa científica, inovação, qualidade de ensino e avaliação do mercado. O ranking foi criado adaptando avaliações internacionais ao contexto brasileiro. Os critérios foram definidos por meio de entrevistas feitas pelo Datafolha com pesquisadores e com executivos de Recursos Humanos, contemplando

do qualidade de pesquisa e qualidade de ensino. Para avaliar a qualidade de pesquisa, o Ranking analisou itens relacionados à produção científica, como a proporção de professores doutores e a quantidade de publicações dos docentes. A qualidade de ensino foi analisada por entrevistas com 597 pesquisadores do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cada um apontou as 10 melhores instituições brasileiras em sua área.

Expediente

Elaborado pela Agecom - Agência de Comunicação da UFSC. Campus Universitário - Trindade Caixa Postal 476. CEP 88040-970, Florianópolis - SC. www.agecom.ufsc.br, agecom@agecom.ufsc.br Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323. Fax: 3721-9684

Diretor: Paulo Fernando Liedtke. **Coordenadora de Divulgação e Jornalismo Científico:** Laura Tuyama (jornalista responsável - SC 00959 JP). **Redação:** Alita Diana, Arley Reis, Artemio R. de Souza, Margareth Rossi, Moacir Loth e Paulo Clóvis Schmitz. **Coordenadora de Comunicação Interna e Relações Públicas:** Carla Isa Costa. **Fotografia:** Henrique Almeida e Wagner Behr. **Arquivo Fotográfico:** Aldy Maingué. **Editoração e Projeto Gráfico:** Cláudia Schaun Reis. **Secretaria:** Beatriz S. Prado, Rogéria D'El Rei S. S. Martins, Romilda de Assis. **Impressão:** Floriprint.



Comissão da UFSC e Furb terá proposta de parceria

As reitoras da UFSC, Roselane Neckel e Lúcia Helena Martins Pacheco, e o reitor da Furb, João Natel Machado, acordaram, em reunião realizada no dia 29 de agosto, a constituição de um grupo de trabalho com representantes das duas instituições. A equipe terá como principal objetivo elaborar uma proposta de parceria a ser submetida aos seus respectivos conselhos universitários. Uma das primeiras tarefas da comissão será a elaboração de um cronograma de trabalhos. Além dos reitores, participaram da reunião no gabinete da Reitoria o secretário especial de Aperfeiçoamento Institucional da UFSC, Airton Seelaender, o procurador-geral da Furb, César Wolf, o representante do Comitê Furb Federal, professor Clóvis Reis, e o presidente do Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau (Sinsepes), professor Ralf Marcos Ehmke.



Equipe irá elaborar proposta de parceria

Sinter discute convênios com o Japão

O secretário de Relações Internacionais (Sinter), Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho, participou recentemente da "Japan Education Fair", seminário promovido no Rio de Janeiro pela COPPE/UF RJ e Consulado do Japão, onde foi apresentar a política de intercâmbio estudantil visando a futuros convênios. O evento foi em inglês, mas mesmo assim lotou o auditório da UFRJ de estudantes interessados em estagiar em universidades japonesas.

PM implanta serviço de prevenção baseada em projeto da UFSC

Miguel Ângelo Silveira, aluno do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil – área de concentração "Cadastro Técnico Multifinalitário e Gestão Territorial" –, desenvolveu um sistema de vistoria preventiva residencial que será utilizado pela Polícia Militar de SC. Baseada no trabalho, a PM vai agendar visitas a residências ou estabelecimentos comerciais e fornecer orientações e dicas de como reduzir os riscos para o crime e aumentar a segurança.

UnB troca experiências em gestão de pessoas

A Secretaria de Gestão de Pessoas (Segesp) da UFSC ofereceu nos dias 23 e 24 de agosto oficinas com profissionais que atuam nesta área na Universidade de Brasília (UnB). Numa troca de experiências, os técnico-administrativos dos Departamentos de Desenvolvimento de Pessoas, Assistência à Saúde e Administração de Pessoas conheceram o trabalho desenvolvido em Brasília e discutiram sobre os processos aplicados na UFSC. Informações: segesp.ufsc.br.

Sepex adiada para novembro

A 11ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC (Sepex) foi adiada para o período de 21 a 24/11. A comissão organizadora divulgou a alteração do cronograma. Informações no site www.sepex.ufsc.br ou e-mail: sepex@contato.ufsc.br. Já a programação da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) e o 22º Seminário de Iniciação Científica da UFSC (SIC) serão mantidos no período de 17 a 19 de outubro.

Referência em políticas de combate às drogas

A UFSC foi uma das instituições públicas selecionadas para a implementação de um Centro Regional de Referência (CRR), com financiamento do Ministério da Justiça, através da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad). No CRR, profissionais que atuam no Poder Judiciário, Ministério Público e Segurança Pública, além de profissionais das áreas de saúde e assistência social, receberão cursos para lidar com usuários de crack e outras drogas. Informações: professor Tadeu Lemos, (48) 3721-9491, ramal 226.

JU do leitor

Acabo de ler a matéria do *Jornal Universitário*, edição 428, relativa ao Programa de Ações Afirmativas (PPA) da UFSC. Gostaria de sugerir que fosse feita uma segunda matéria, tocando alguns pontos muito importantes, que talvez por restrição de espaço não foram abordados. Nos encaminhamos para o quinto ano das cotas em nossa universidade, inclusive com o aumento do percentual para 50% das vagas, até agora não é de conhecimento da comunidade estatísticas claras quanto a taxas de aprovação, evasão, desempenho médio dos ingressos via PAA. Dada função social da Universidade em promover ciência e tecnologia, e o investimento da sociedade nesse intuito, cabe verificar se há um aproveitamento que justifique o preço da inclusão social, e quais são seus limites. Acredito que a questão é polêmica, e a sociedade merece a exploração de contrapontos, que naturalmente existem em qualquer situação.

João Vicente Pedrollo Viccari
joao@previg.org.br

Memória



A Agecom, que está comemorando 20 anos, teve como primeira diretora a jornalista Heloisa Dalanhof. O antigo Departamento de Imprensa e Marketing foi transformado em Agência de Comunicação em maio de 1992.

Infográfico: Vitor Muniz

UFSC - Redes Sociais

COMO PUBLICAR NO MURAL DA NOSSA PÁGINA NO FACEBOOK?

01. Você posta sua mensagem

02. Ela é moderada

03. Se aprovada é exibida para leitura pública em até 24h

/Universidade UFSC

Também estamos no twitter @ufsc

Novas normas para convênios

Iniciativa estabelece padrão e critérios na hora de firmar parcerias com instituições estrangeiras

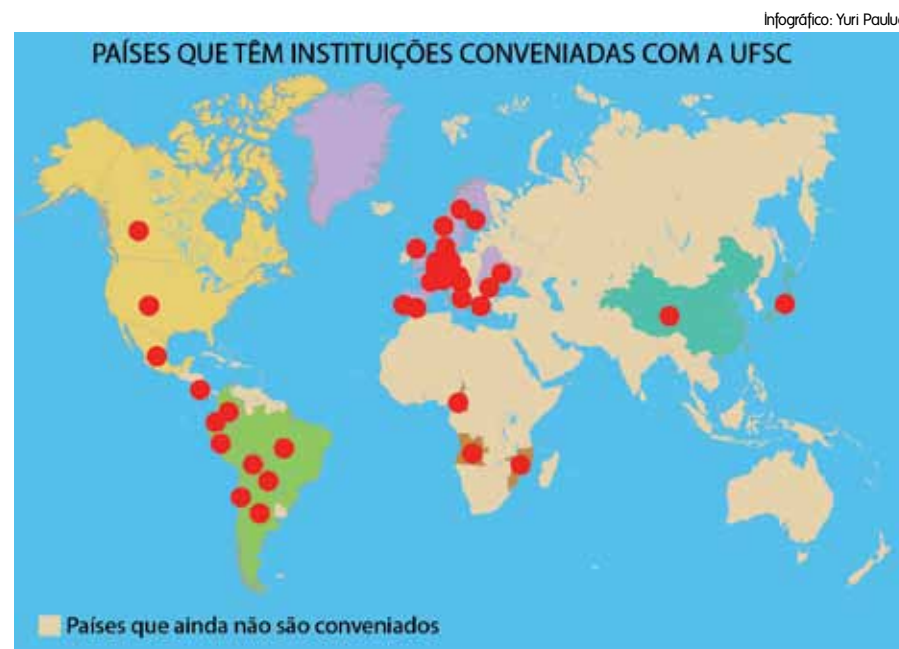
ALITA DIANA
Jornalista da Agecom
alita.diana@ufsc.br

Nos últimos anos aumentaram de forma exponencial os intercâmbios e os convênios internacionais, cada um deles com suas peculiaridades. Ações que eram raras ou isoladas passaram a ser de massa, requerendo normas, prazos e critérios transparentes. A fim de padronizar os procedimentos, a nova gestão da Secretaria de Relações Internacionais (Sinter) divulgou as “Normas e critérios para solicitação de convênios”. Até então só havia um formulário para quem queria estabelecer convênio por parte da UFSC e as instituições estrangeiras usavam email para enviar as solicitações. No link sinter.ufsc.br/convenios/normasecritérios se encontra o modelo do formulário de solicitação para proponentes da UFSC e o *Agreement proposal form* para instituições estrangeiras.

As novas normas também tiveram re-

flexos na determinação dos prazos para aprovação da proposta submetida. Antes uma pessoa da Secretaria definia os convênios que seriam ou não assinados. Agora haverá uma reunião mensal com quatro pessoas da equipe da Sinter na qual cada uma funcionará como uma espécie de relator – analisando a proposta de acordo com os critérios – para submeter ao grupo a aprovação ou não do convênio.

Como recomendações, sempre que possível, os convênios devem ser negociados entre a Sinter e o setor estrangeiro responsável na instituição, já que devem incluir reciprocidade como por exemplo na isenção de taxas. É necessário que fique demonstrado o interesse institucional, sobrepondo-se ao pessoal, pois os convênios geralmente são assinados por cinco anos. A decisão de se manifestar a favor do convênio também foi ampliada, pois anteriormente ela cabia apenas ao diretor do Centro de Ensino e, atualmente, pode vir do curso, departamento ou centro.



Os convênios devem incluir reciprocidade, como na isenção de taxas

Um critério adotado, seguindo as diretrizes da nova administração da UFSC, é o preenchimento de vazios geográficos e solidariedade internacional.

Existem atualmente cerca de 300 convênios com instituições de 34 países. Entre eles não há nenhum país da Oceania, só dois da Ásia e três da África.

Infográfico: Yuri Pauluci

Movimentos sociais terão núcleo de estudos

MURICI BALBINOT
Estagiário de Jornalismo da Agecom
muricibalbinot@gmail.com

As reitoras Roselane Neckel e Lúcia Helena Pacheco anunciaram em agosto a criação de um núcleo de estudos que irá desenvolver projetos com movimentos sociais. A proposta foi encaminhada na presença de membros do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Pronera) do Incra. A vice-reitora Lúcia Pacheco afirma que a Universidade tem o conhecimento científico como um instrumento à disposição. “O objetivo da UFSC é estar aberta para auxiliar os movimentos em suas questões”, disse.

A resposta às demandas é um desejo antigo do MST. Membros do movimento conversaram com a reitora em maio e alguns encontros foram realizados nesse período. Roselane reiterou durante a reunião que existia a necessidade de um projeto institucionalizado para a Universidade reconhecer as demandas dos movimentos de forma efetiva. “A ideia é que a gente organize isso”, concluiu.

esclarecer a participação da Universidade dentro dos assentamentos.

Revero Ribeiro, membro do Setor de Comunicação do MST em Santa Catarina, diz que uma das principais parcerias entre as instituições é a oferta de educação nos assentamentos. A UFSC oferece formação técnica, especialização e Ensino Médio para os assentados por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) do Incra. A vice-reitora Lúcia Pacheco afirma que a Universidade tem o conhecimento científico como um instrumento à disposição. “O objetivo da UFSC é estar aberta para auxiliar os movimentos em suas questões”, disse.

A resposta às demandas é um desejo antigo do MST. Membros do movimento conversaram com a reitora em maio e alguns encontros foram realizados nesse período. Roselane reiterou durante a reunião que existia a necessidade de um projeto institucionalizado para a Universidade reconhecer as demandas dos movimentos de forma efetiva. “A ideia é que a gente organize isso”, concluiu.

Para o MST produzir suas próprias imagens

Cerca de 40 jovens de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) participaram em agosto de oficinas de capacitação em tecnologias da informação no Departamento de Jornalismo da UFSC. Os integrantes visitaram os laboratórios de rádio e TV e conheceram os equipamentos utilizados para fotojornalismo e produção de conteúdo online e impresso. As oficinas fazem parte do projeto De olho na terra, que é uma parceria da Universidade com os assentamentos da cidade de Rio Negrinho.

Segundo Clarilton Ribas, coordenador do projeto e professor do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural, o objetivo das oficinas é aproximar os jovens das tecnologias. Para ele, a presen-

ça das mídias ajuda a desconstruir a ilusão de que a vida na cidade pode ser melhor. “Eles chegam na área urbana e se sujeitam a subempregos. O jovem quer ter computador, internet ao seu alcance, e é necessário que ele tenha acesso aos benefícios da modernidade na área rural a fim de se manter no campo.” O professor defende ainda que o assentamento deve ter condições de informar e comunicar por meio de seus próprios integrantes.

A UFSC desenvolve vários projetos com as cerca de 500 famílias de sete assentamentos de Rio Negrinho. Além de trabalhos voltados à comunicação, são realizadas análises de fertilizantes, estudos com sementes e assistência técnica no campo para enriquecer e aumentar a produção (M.B).

Semestre letivo vai até fevereiro

Os 2.667 estudantes aprovados no Vestibular 2012 para o segundo semestre ingressaram na instituição com quase um mês de atraso

A UFSC iniciou o semestre letivo 2012.2 na segunda-feira, 3 de setembro, nos campi de Florianópolis, Curitiba e Joinville, e no dia 10 em Araranguá. Os 2.667 estudantes aprovados no Vestibular 2012 para o segundo semestre ingressaram na instituição com quase um mês de atraso, em função da greve dos servidores. A paralisação dos trabalhadores técnico-administrativos durou cerca de 80 dias e terminou no dia 29 de agosto após intensas negociações entre Fasubra, comando nacional de greve e governo federal.

Os docentes ligados ao Sindicato dos Professores das Universidades Federais de Santa Catarina (Apufsc-Sindical), que pararam no dia 11 de julho, decidiram em assembleia, na última semana de agosto, aceitar as propostas do governo e retornar às aulas no início de setembro. Já os professores ligados ao Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (AnDES-SN) se reuniram no dia 3 e optaram por também retomar as atividades letivas.

A instituição oferece 86 cursos de graduação e tem quase 60 programas de pós-graduação, média de 6 mil matriculados nos cursos de mestrado e doutorado e mais de 1.800 linhas de pesquisa.

Em sessão ordinária do Conselho Universitário realizada no dia 29 de agosto, foi definido que o calendário acadêmico deste semestre terá duas etapas – a primeira, até 22 de dezembro, com as atividades normais de ensino, pesquisa e extensão, e a segunda, de 18 a 28 de fevereiro de 2013, para a disponibilização das notas finais referentes ao semestre 2012.2.

A publicação, pelo Departamento de Administração Escolar (DAE), do edital de vagas disponíveis para transferências e retornos referentes ao semestre 2013.1 vai ser feita no dia 19 de novembro e o resultado será divulgado em 21 de dezembro. O semestre letivo 2013.1 terá início no dia 18 de março, exceto para o curso de Engenharia de Materiais, que começa em 4 de fevereiro.

DESTAQUES do Calendário Acadêmico

A última chamada do concurso Vestibular 2012 com vistas à matrícula no segundo semestre será divulgada no dia 28 de setembro.

Até 29 de outubro pode ser requerida a participação no Programa Andifes de Mobilidade Estudantil para o semestre 2013.1 (alunos da UFSC e de outras IFES).

O Vestibular 2013 será realizado nos dias 15, 16 e 17 de dezembro.

O período de matrícula inicial dos calouros 2013.1 e 2013.2 será nos dias 18 e 19 de fevereiro nas coordenadorias dos cursos.

O início do período letivo de 2013.1 para cursos semestrais de graduação e cursos trimestrais e semestrais de pós-graduação será no dia 18 de março.

Vestibular abre inscrições em 25/09

São mais de 6 mil vagas em 86 cursos distribuídos nos quatro campi



A UFSC abre no dia 25 de setembro as inscrições para seu Vestibular 2013. O concurso será realizado nos dias 15, 16 e 17 de dezembro, entre 14h e 18h, com entrada até às 13h45min.

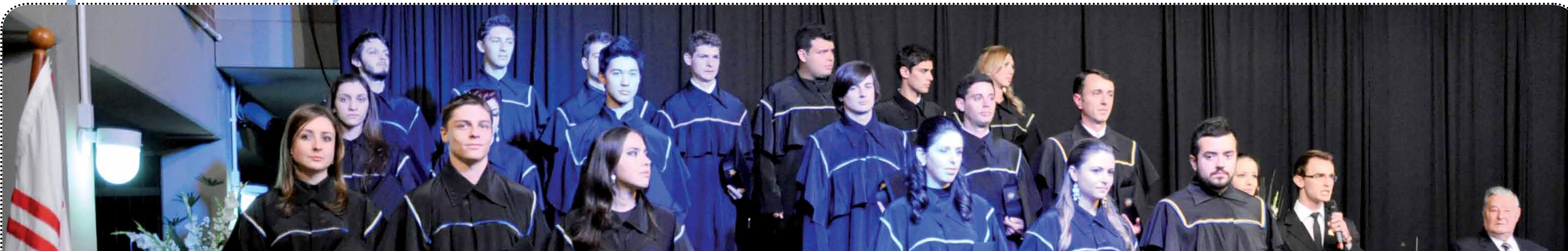
O quadro inicial indica que serão oferecidas 6.031 vagas em 86 cursos e habilitações, nos quatro campi da instituição, localizados nas cidades de Florianópolis, Araranguá, Curitiba e Joinville. Os dados poderão ser atualizados pela Câmara de Ensino.

Inscrições - A taxa de inscrição terá o valor de R\$ 105,00. Candidatos aos cursos de Licenciatura e para o curso de Pedagogia têm desconto de 50%. Podem requerer isenção total do pa-

gamento da taxa de inscrição candidatos a qualquer curso via CadÚnico (Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal).

Para solicitar isenção via CadÚnico, o estudante cadastrado neste sistema deverá acessar o site www.vestibular2013.ufsc.br/isencao e preencher o formulário eletrônico de Requerimento de Isenção, informando o Número de Identificação Social (NIS).

O presidente da Comissão Permanente do Vestibular (Coperve/UFSC), professor Júlio Szeremeta, alerta que o número do NIS deve ser o do próprio candidato. Em outros anos, estudantes encaminharam à Coperve o NIS de um familiar, o que não é aceito pela Universidade.



Em Curitiba, a primeira turma formada em Ciências Rurais contou com 19 estudantes

Fotos: Henrique Almeida

UFSC forma primeiras turmas *nos campi*

Um dos resultados do projeto Reuni, a expansão da UFSC para o interior de SC consolida-se com a formatura das primeiras turmas dos campi de Araranguá e Curitiba

LAURA TUYAMA
Jornalista da Agecom
laura.tuyama@ufsc.br

Passados cinco anos das ações de expansão da UFSC, no último mês de agosto duas cerimônias marcaram a consolidação desse processo: as formaturas das primeiras turmas em Araranguá e Curitiba. Em Araranguá a colação aconteceu no dia 10 de agosto, quando três alunos se formaram no curso de Tecnologias da

Informação e Comunicação. Em Curitiba, 19 estudantes formaram-se no curso de Ciências Rurais no dia 17 de agosto.

A interiorização da UFSC para Araranguá, Curitiba e Joinville se deu por meio da participação no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), criado em 2007 com o objetivo de ampliar o acesso e a permanência na educação superior.

As atividades nos campi começaram em 2009 com projetos pedagógicos voltados à realidade de cada local. Em Araranguá, são duas áreas principais: Tecnológicas e Saúde. Em Curitiba, predominam os cursos das Ciências Agrárias. Em Joinville, o curso está focado na área de Engenharia da Mobilidade. É também o único que não tem formatura prevista, pois a adesão é voluntária. Embora a primeira turma já possa se formar

em Bacharel em Tecnologia, todos optaram por seguir os estudos em uma das sete engenharias.

“O que está sendo concretizado é o resultado do esforço do trabalho em equipe que, a partir de um projeto do Governo Federal, se empenhou em construir prédios, currículos e um projeto de expansão de ensino de qualidade”, afirmou a vice-reitora da UFSC, Lúcia Helena Martins Pacheco na formatura da turma de Araranguá.

Sementes de um centro de referência

A chegada da UFSC a Curitiba foi caracterizada por um forte apoio e mobilização da comunidade local, que se organizou na Comissão Pró-Campus e em 2007 comemorou a instalação da universidade na região. Em 2009, o Campus Curitiba começou as atividades com o curso de Ciências Rurais, que é a base para Agronomia e Engenharia Florestal, também oferecidos no campus. No segundo semestre de 2012 teve início a primeira turma de Medicina Veterinária da UFSC.

“A universidade pode desempenhar um papel estratégico no desenvolvimento desta que é uma das regiões com menor Índice de Desenvolvimento Humano de Santa Catarina”, explica o diretor do campus, Julian Borba.

Atualmente 536 alunos estão matriculados. Mais de 50% recebem bolsa permanência e se envolvem nos mais diversos projetos de pesquisa em andamento. Um deles acontece na reserva de mata nativa de 8 hectares, localizada dentro do campus. Os professores demar-

caram uma trilha, que percorre parte dessa área e está sendo utilizada para atividades acadêmicas. Nelas os alunos podem conhecer as espécies nativas e a diversidade local. Um projeto de extensão está envolvendo alunos para fazer o inventário florestal da área. Eles saem a campo com trenas e balizas para fazer marcações das áreas de pesquisa e para registro de espécies.

Projeto com manejo de flores nativas para desenvolvimento de plantas ornamentais, pesquisa com espécies de uvas mais resistentes para a produção do vinho, pesquisa com a araucária para madeira de corte são alguns exemplos de trabalhos atualmente desenvolvidos por professores e alunos em Curitiba.

Professores no Laboratório de Zoologia e Morfologia Animal, que recebe este semestre os primeiros calouros da Medicina Veterinária



Projetos que movem os campi

Apesar das dificuldades, muito tem sido feito nos campi. Em Araranguá, por exemplo, o curso de Tecnologias da Informação e Comunicação, que inaugurou as atividades no campus em 2009, foi avaliado pelo Ministério da Educação com nota 4, em uma escala de 1 a 5. O campus oferece também as graduações em Engenharia de Energia, Engenharia da Computação e Fisioterapia. No planejamento estratégico para os próximos três anos, o campus quer oferecer novos cursos até 2015.

Um destaque em Araranguá é a atuação dos alunos nos projetos de pesquisa. Exemplo recente foi a premiação de William Rochadel, que conquistou o segundo lugar no concurso Campus Mobile, que teve mais de 1.300 inscritos de todo o Brasil. O estudante é bolsista do laboratório RexLab.

Já a equipe de futebol de robôs Araranguá Intruders participou em 2011 pela primeira vez de um campeonato nacional e conseguiu ficar com o 6º lugar entre os 15 inscritos. Agora o time se prepara para uma competição em outubro, que irá envolver equipes nacionais e da América do Sul.

Em um barraco de obra apelidado de Bloco B, o mesmo time está construindo o Thor, um veículo que tem por objetivo participar de competições de eficiência energética. O grupo já fez testes utilizando motor de furadeira e de limpador de parabrisas. Alunos do curso de Fisioterapia ajudaram a projetar o cockpit, para proporcionar mais conforto ao piloto. Também na área de TI, um grupo de 12 estudantes participa das atividades do LabMídia, que tem projetos em audiovisual, entre eles um vídeo sobre o resgate da tradição do boi de mamão em uma escola local, um programa de debates e um documentário sobre o rio Araranguá. O grupo encontrou uma alternativa para lidar com a falta de espaço físico: por meio de uma comunidade no Facebook, todos os projetos e andamentos são compartilhados entre o grupo.



Foto: Carla Costa

Tanto em Araranguá (foto) quanto em Curitiba o espaço físico é um desafio

Processo

As cerimônias serviram para celebrar os três anos de atividade, período marcado por grandes desafios e esforços. Um dos problemas enfrentados foi a dificuldade na contratação de docentes. “Alguns processos seletivos tiveram que ser abertos seis vezes”, exemplifica o coordenador do curso de Tecnologias da Informação e Comunicação em Araranguá, professor Alexandre Leopoldo Gonçalves.

Com o passar dos anos, o espaço físico também tornou-se um desafio. “Precisamos de 18 salas e só temos oito”, explica o diretor do Campus Araranguá, Paulo Esteves, que estima que até o final do ano o campus passará de 600 para 800 alunos. A falta de

infraestrutura também atinge Curitiba, que precisaria de mais uma área igual à atual para dar conta dos laboratórios, salas dos professores e salas de aulas. Para solucionar os problemas, a Administração Central estuda alugar um espaço físico em Araranguá e construir um novo bloco em Curitiba.

Outra questão que ainda precisa ser resolvida relaciona-se à autonomia administrativa dos campi. “Esta questão envolve a alteração do estatuto e do regimento da UFSC, para que depois cada campus crie seu próprio estatuto e regimento”, explica a vice-reitora, Lúcia Pacheco. Ela prevê que o tema entre em discussão ainda neste semestre.



Em Araranguá formandos foram diplomados pela vice-reitora Lúcia Pacheco

Jogando e aprendendo a jogar

Diversas são as pesquisas que utilizam jogos educacionais em sala de aula para que o ensino se torne mais atrativo. A UFSC tem professores e estudantes dedicados ao tema e o JU traz nesta edição alguns desses trabalhos

CLÁUDIA SCHAUN REIS
Jornalista da Agecom
manareis@gmail.com

As ciências podem ser as mais variadas – humanas, exatas, da

saúde – mas os professores em sala de aula têm a mesma preocupação: atrair a atenção e facilitar o entendimento dos conteúdos ministrados. Para isso, muitos deles se desdo-

bram lançando mão da criatividade e, não raro, buscam no lúdico a alternativa para estimular a imaginação dos estudantes e auxiliar na fixação das matérias. A UFSC tem

desenvolvido pesquisas sobre jogos educacionais e o *Jornal Universitário* traz algumas das tantas iniciativas colocadas em prática por seus professores e estudantes.

Humanos contra o lixo espacial

“O mundo já nos apresenta tantos desafios que não é necessário criar vilões”, defende José Eduardo de Lucca. O professor do Departamento de Informática e Estatística (INE) explica a filosofia que sua equipe de dez pesquisadores segue para desenvolver um jogo eletrônico educativo: a verossimilhança. “É factível? Se não for, descartamos, porque foge da verdade científica atual”.

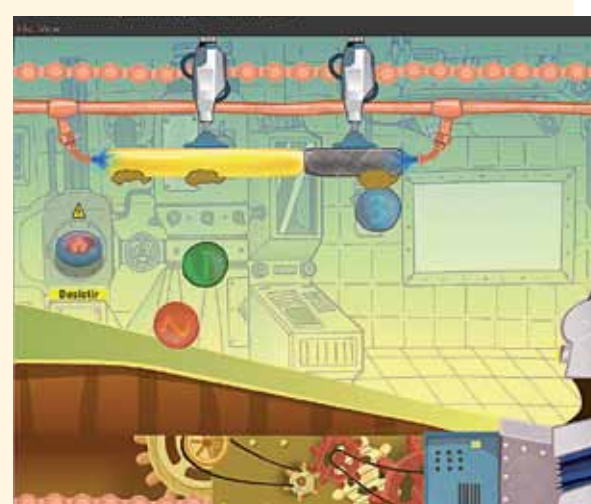
O jogo Universo de Ciências está sendo desenvolvido a partir da parceria entre a empresa Mentres Brilhantes Brinquedos Inteligentes e o Centro de Geração de Novos Empreendimentos em Software e Serviços (GeNESS) da UFSC, do qual de Lucca é coordenador. O edital do Programa de Formação de Recursos Humanos em Áreas Estratégicas (RHA/E) do CNPq e do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) propiciou a união de esforços que objetiva estimular a inserção de mestres e doutores nas empresas.

A missão do jogo é coletar o lixo que ameaça uma es-

tação espacial. A aventura começa ainda em terra, quando o usuário deve construir um foguete, lidando com informações sobre resistência de materiais e transmissão de calor. Já no espaço, os conhecimentos de biologia são requeridos: de que forma funcionam o braço humano, a tromba do elefante, a língua do sapo? A partir das comparações, o estudante pode criar seu próprio braço mecânico para captar o lixo.

Wagner Saback Dantas, gerente do projeto, explica que o jogo tem viés público, pois alguns recursos podem ser jogados gratuitamente na web e é todo concebido e executado em softwares livres como Inkscape, MyPaint e GIMP – ferramentas para criação e edição de imagens. Destinado a estudantes de 11 a 14 anos, o primeiro protótipo deverá ser apresentado pela equipe no fim de 2012.

Mais informações: univerciencia.mentres-brilhantes.com e univerciencia@mentres-brilhantes.com.



Em uma das fases, o jogador deve entender como funciona a transmissão de calor em diversos metais

Para conhecer o próprio lar

O jogo eletrônico educativo Mata Atlântica – o bioma onde eu moro (www.mata-atlantica.educacao-cerebral.org), em vez de incitar a competição entre os jogadores, ligados ao mesmo computador pela tecnologia multimouse, os faz entender que precisam ajudar um ao outro para só então avançarem, sempre juntos, à próxima etapa.

O game nasceu dos estudos desenvolvidos pelo coordenador do Laboratório de Educação Cerebral (LEC) da UFSC, professor Emílio Takase. As informações sobre a Mata Atlântica, a partir do jogo, acabam se tornando mais acessíveis, não só pelo conceito de edutainment utilizado – em que a educação se dá a por meio do

entretenimento – mas principalmente porque no Brasil há muitas escolas públicas em que o número de computadores é inferior ao de alunos. O projeto foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesec).

São três desafios – quebra-cabeças, sudoku e procure-ache – para cada um dos seis ecossistemas da Mata Atlântica em Santa Catarina. Ao final, os alunos acabam conhecendo 36 animais: aparência, sons e lugar onde preferem viver.

A versão para um único mouse foi recentemente desenvolvida, principalmente para poder rodar no sistema operacional livre Linux, que substituiu o Windows UCAs – Um Computador por Aluno – distribuído em algumas escolas públicas.

Logo-guará é um dos animais encontrados na Mata Atlântica e no jogo

Foto: Wagner Behr



Para Fernando, seria interessante que os professores pudessem indicar também os jogos como bibliografia complementar

Bancando o detetive nas arábias

Um dos jogos que a professora de Ciências da Computação e Sistemas de Informação do Departamento de Informática e Estatística (INE) Christiane Gresse von Wangenheim confeccionou faz com que os alunos percebam como lidar, em um projeto, com pessoas consideradas difíceis, a partir de simulação da primeira reunião de trabalho. “Em uma das turmas, até os mais quietos interagiram, pulando e gritando. Depois do jogo eles começaram a reconhecer essas personalidades em seus ambientes de trabalho”. A descrição e as cartas do game estão disponíveis na página www.gqs.ufsc.br/leadership-exercise-dealing-with-difficult-people-2.

Gustavo Machado Soares e Bruno Rausis tiveram Christiane como orientadora de monografia. Os estudantes criaram o jogo Detetive de Projeto, que tem como desafio descobrir o porquê de o projeto fictício não ter sido concluído, utilizando uma técnica específica de monitoramento, denominada Valor Agregado.

Depois de finalizado, o jogo foi

aplicado em duas turmas dos cursos e analisado por meio do modelo e método para a avaliação de jogos educacionais desenvolvido para a tese de doutorado de Rafael Savi. O trabalho analisa a motivação, a aprendizagem e a experiência de usuário com um método considerado rápido e fácil de ser aplicado por docentes de qualquer área. “Um jogo de qualidade é aquele que tem objetivos educacionais bem definidos, motiva os alunos para os estudos e promove a aprendizagem dos conteúdos por meio de atividades divertidas, prazerosas e desafiadoras”, defende Rafael. Todo o material pode ser acessado em btd.egc.ufsc.br/?p=1038.

Christiane destaca ainda o retorno obtido a partir dos trabalhos orientados. “O Detetive de Projeto já foi adotado em curso de treinamento em Bahrain (país árabe)”. O Grupo de Qualidade de Software (GQS), coordenado pela professora, decidiu ampliar ainda mais o foco de pesquisa sobre o tema.

Mais informações: www.gqs.ufsc.br/software-engineering-education.



Foto: Rafael Savi

Christiane relata que os jogos estimulam uma outra interação entre os alunos

Vencer de maneira sustentável

Gerenciar uma fábrica com o objetivo de obter maior lucro é o principal desafio dos alunos da disciplina Planejamento e Controle da Produção. O professor do Departamento de Engenharia de Produção Dalvio Ferrari Tubino criou um jogo que simula os softwares utilizados para administrar materiais que entram e saem, maquinários, fornecedores e mais 14 itens que também figuram no dia a dia do profissional. “Os programas de mercado incluem até 20 mil itens, e o meu, por ter apenas 17, é mais espaçoso e amigável”, destaca.

E o aprendizado começa na teoria, tendo como base o livro “Planejamento e Controle de Produção – Teoria e Prática”, de autoria do próprio professor. A obra, que vende dois mil exem-

plares por ano e é aplicada também em outras universidades em todo o Brasil, traz o jogo como a parte prática do conhecimento. O game serve ainda para os engenheiros profissionais reavaliarem as decisões que estão tomando em seu cotidiano.

O jogo foi feito inicialmente em Excel e hoje está disponível em Access, na página do Laboratório de Simulação de Sistemas de Produção (www.deps.ufsc.br/lpps), do qual o professor é coordenador, junto com o ranking dos estudantes que alcançam a maior pontuação. Para figurar entre os melhores – e também para passar na disciplina – o aluno deve gerar lucro de forma sustentável. “Já tive quem vendesse todo o maquinário ao final. É necessário ‘entregar a fábrica’ em condições de funcionamento”, explica Dalvio.

Infográfico: Marcela Rojas Barbosa

<p>1º Lugar ANALISTAS</p> <p>Henrique Brunel da Silva Vinicius Gouvea Calcagni Stefano Malutta</p>	<p>INSTITUIÇÃO</p> <p>UFSC 2011/01</p>	<p>EMPRESA</p> <p>Cia Têxtil VHS</p>	<p>ROP Resultado Operacional Acumulado</p> <p>R\$ 349.986,00</p>
---	---	---	---

Professor Dalvio mantém ranking dos alunos que alcançam a maior pontuação nos jogos

Paratletas

Projeto Sábado no Campus envolve mais de 60 participantes em sete modalidades

MURICI BALBINOT
Estagiário de Jornalismo na Agecom
muricibalbinot@gmail.com

Ricardo é apaixonado por futebol e torcedor do Figueirense. Um típico maneirinho morador do bairro Itacorubi. Trabalha no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e é formado em Ciências Contábeis pela UFSC, mas mesmo com o fim do curso, em 2007, ele não se afastou da Universidade.

Todos os sábados pela manhã, Ricardo dos Santos Mattei, de 39 anos,

acorda antes das 7h30min, toma café e acompanha o treino de futsal dos filhos gêmeos João e Tiago, de 10 anos. No fim da manhã, Ricardo chega ao Centro de Desportos (CDS) da UFSC para o treinamento de handebol em cadeiras de rodas. Tentou praticar natação e basquete, mas preferiu handebol por se assemelhar ao futebol. Ricardo anda com dificuldade devido à poliometrite que teve com apenas um ano de idade. Ele é um dos cerca de 60 paratletas que treinam na Universidade por meio do Sábado no Campus.



Neivo Navarini é um dos atletas que participam do projeto Sábado no Campus

Sete opções

+JUDÔ

O projeto de extensão desenvolve diversas modalidades. Além de handebol, os atletas praticam xadrez, natação, atletismo, tênis, goalball e bocha. A expectativa para este semestre é aumentar o número de modalidades com o acréscimo do judô. A UFSC atua com deficientes visuais, auditivos, físicos e intelectuais, com o apoio de sete bolsistas.

As atividades são realizadas há 15 anos. No início, o projeto limitava-se a oferecer o espaço da UFSC apenas no sábado. Com o aumento no número de atletas, outros esportes foram incorporados e surgiu a necessidade de treinar também de segunda a sexta-feira.

O curso de Educação Física da UFSC atualizou seu currículo devido ao

crescimento das atividades do paradesporto. Educação Física Adaptada e Teoria e Metodologia dos Esportes Adaptados foram incluídas como disciplinas obrigatórias. O professor responsável pelo Sábado no Campus, Luciano Lazzaris Fernandes, explica que o projeto não visa apenas ao crescimento dos atletas. “Os meus alunos têm a oportunidade de vivenciar e desenvolver as atividades junto com eles”, afirma.

Luciano destaca que o Sábado no Campus não é um projeto apenas da Educação Física. Ele lembra que houve um trabalho com os atletas realizado por uma aluna de Nutrição e que outras áreas da Universidade têm condições de se integrar. “Um estudante de Enge-

nharia pode pensar uma nova cadeira adaptada, estudantes da saúde também se envolvem. Eu acho que o nosso projeto é interdisciplinar e que mais alunos da UFSC podem participar”.

Após três anos em parceria com a Associação Catarinense de Esportes Adaptados (Acesa), ele acredita que o projeto está valendo a pena. A dificuldade de encontrar horários disponíveis nos ginásios do CDS é um problema, mas o professor assumiu a responsabilidade de garantir espaço para que as atividades possam ser realizadas. Ele destaca a inclusão dos atletas e o aprendizado dos alunos como principais fatores de sucesso. “Não é apenas botar o cara correr atrás de uma bola, é muito mais do que isso”.

Representatividade e obtenção de recursos

A prática de esportes é uma parceria da Acesa com a Associação Florianopolitana de Deficientes Físicos (Aflodef) e a Associação Catarinense para Integração do Cego (Acic). Antes da criação da Acesa, as associações de deficientes realizavam a parceria diretamente com o projeto. Com tantas associações envolvidas, existe um conflito para a representatividade dos atletas e a obtenção de recursos. Tanto a Acic quanto a Aflodef consideram positiva a inclusão de uma entidade que atue apenas com o esporte. A presidente da Acesa, Cristiane Mota, afirma que um consenso é possível. “Acreditamos que se as en-

tidades soubessem do nosso objetivo específico que é o Esporte Adaptado, e deixassem a cargo de nossa entidade ou até mesmo de outras que também desenvolvem atividades específicas nessa área, o paradesporto teria um grande salto, pois transpassaria a rivalidade e as questões de obtenção de recursos.”

O projeto apresentou resultados positivos em diversas modalidades. O atleta Paulo Roberto Homem foi convocado para a seleção brasileira de goalball para disputar as Paraolimpíadas de Pequim, em 2008. O time terminou a competição sem medalha. No início

de julho, os atletas de goalball conquistaram o título do campeonato Regional Sul e ganharam a vaga para o Campeonato Brasileiro, que será disputado em outubro. A equipe de handebol sobre cadeiras de rodas, da qual Ricardo faz parte, foi vice-campeã catarinense e participou de um campeonato nacional. A expectativa dele para a próxima competição estadual é de conquistar o primeiro lugar. “Se a gente for com o time completo eu acho que dá”. Ricardo continuará mantendo a rotina de acordar antes das 7h30min no sábado por que sabe que é necessário treinar para dar sequência a sua caminhada.

UFSC é campeã dos Jogos Universitários Catarinenses

A UFSC sagrou-se campeã geral dos Jogos Universitários Catarinenses (JUCs) sediados em Joaçaba entre os dias 8 de agosto a 2 de setembro. A Universidade acumulou mais pontos na classificação para o Troféu Eficiência na soma de oito modalidades esportivas: atletismo, basquete, futsal, handebol, judô, natação, vôlei e xadrez. Com o título de 2012, a Universidade se mantém como a maior vencedora em todas as edições dos Jogos. A UFSC teve a maior delegação - 210 atletas - e foi a única participante a pontuar em todas as modalidades. Os atletas com melhor desempenho no JUCs garantem classificação para os Jogos Universitários Brasileiros (JUBs), que serão realizados em Foz do Iguaçu (PR) em outubro (M.B).

A capital da cultura açoriana no Brasil

Festa dedicada ao folclorista Doralécio Soares é um tributo ao legado cultural açoriano. Quem participou do 19º Açor vivenciou a história e a cultura do litoral de SC

RAQUEL WANDELLI
Jornalista da SeCult
raquelwandelli@yahoo.com.br

Dança, cantorias, artesanato, desfiles, missa festiva. Folguedos do boi, folias do divino, grupos folclóricos. Sardinha recheada, pão com bifeta, comida do Alentejo: de 31 de agosto a 2 de setembro São Francisco do Sul foi a capital nacional da cultura açoriana. Tendo como cenário o centro histórico, recém recuperado, o 19º Açor, maior festa da cultura açoriana no Brasil, ofereceu uma intensa e diversificada programação em tributo à herança cultural açoriana. Representantes de 55 instituições de 22 municípios catarinenses deram uma mostra do que esse legado de tradição e alegria deixou no litoral catarinense em termos de artesanato, folclore, culinária e religião.

A 19ª Festa Açoriana de Santa Catarina foi dedicada ao folclorista Doralécio Soares, falecido na véspera do evento, cujo nome para sempre estará ligado à pesquisa da cultura popular em Santa Catarina. Um pool de entidades municipais, estaduais e federais uniu esforços para viabilizar a festa, realizada pelo Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) da Secretaria de Cultura da UFSC, em parceria com a prefeitura do município, governo dos Açores e Santur.

É só Açores

“Neste final de semana São Francisco do Sul é só Açores!”, disse o coordenador da Festa e do NEA, Joi Cletison, ao abrir o evento. Representando a reitora Roselane Neckel, o secretário da Cultura da UFSC, Paulo Ricardo Berton, acentuou a importância do evento para a universidade: “O Açor coroa um dos princípios da Secretaria, que é o de abrir as portas para inserir a universidade na vida da comunidade e na valorização da cultura que faz o mosaico de Santa Catarina”. Berton enalteceu o casamento entre a valorização material e imaterial do patrimônio cultural. “Investimos em um evento que está preservando uma cultura no espaço de uma cidade que mantém a sua herança arquitetônica de forma impressionante”.

Logo na entrada do pavilhão, na Praça da Gastronomia, seis entidades ofereciam almoço e jantar com os pratos típicos da gastronomia açoriana: salgadinhos recheados com frutos do mar, pratos portugueses, café colonial, pirão com guisado de linguiça e marisco. Uma das maiores atrações foi a cozinha alentejana, em especial um prato à base de carne de porco e camarão acompanhado de arroz e feijão cozidos juntos. A receita foi preparada pelo casal Paulo e Cristina Moraes, que há cinco anos veio de Lisboa para São Francisco estabelecer um negócio de gourmet e se sentiu em casa. “O segredo do prato”, revela Cristina, “é o modo como se temperam as carnes”.

No palco do grande pavilhão coberto à beira da Baía da Babilonga, a banda Guarani, de São Francisco, Grupo Folclórico Açor Sul, de Sombrio, Grupo Folclórico Mistura, de Bombinhas, entre outros, se revezaram em uma sequência de ritmos e coreografias ensinados pelos habitantes das nove ilhas açorianas. O local foi todo decorado com motivos folclóricos por um pequeno pelotão de mulheres da Casa da Cultura e da Associação das Mulheres Pescadoras do Iperoba. Com uma releitura moderna da música tradicional, as bandas Gente da Terra, de Florianópolis, e Tarrafa Elétrica, de Itajaí, movimentaram a cidade com shows noturnos.

Depois da meia noite de sexta, quando o grande pavilhão encerrou as atividades do dia, a folia açoriana continuou em frente, no barracão do Engenho de Farinha do “Seu Zico”. Ali e no Mercado Público, a música se estendeu até às 2 da madrugada. E na manhã do dia seguinte, todas as entidades já estavam de pé para o grande Desfile do Açor, na rua Babilonga.

Um total de 46 apresentações enterneceu o público com o colorido e o significado dessas manifestações artísticas. Os momentos mais emocionantes foram a Missa do Encontro das Bandeiras e Folias do Divino Espírito Santo na Igreja Matriz e a apresentação do Mastro de São Sebastião pelo Grupo Itapocroy, do município de Penha.

Fotos: Joi Cletison



Uma das atrações foi a Missa do Encontro das Bandeiras e Folias do Divino Espírito Santo

Diálogos entre o litoral de SC e antepassados do além-mar

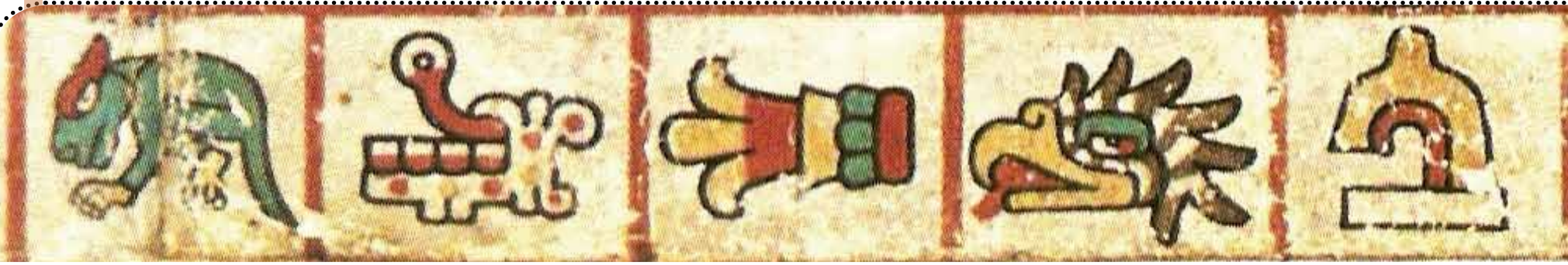
A ala dos estandes culturais funcionou como um mostruário vivo dessa cultura, onde artesãos e oleiros produziram e comercializaram suas peças de tapeçaria, vestuário, utensílios. Os artesãos do Projeto Saber Fazer, mantido pelo NEA, mostraram sua produção de tecelagem, cerâmica figurativa, cestaria, renda de bilro e de crivo. Os 39 estandes reuniram um pouco das práticas culturais dos municípios presentes: Araquari, Barra Velha, Barra do Sul, Bombinhas, Criciúma, Florianópolis, Garopaba, Gravatal, Governador Celso Ramos, Içara, Itajaí, Imbituba, Itapema, Jaguaruna, Laguna, Palhoça, Penha, Porto Belo, São Francisco do Sul, São José e Sombrio. Alunos das escolas do município também expuseram os trabalhos desenvolvidos

com os professores durante o ano em torno da pesquisa e valorização da identidade cultural açoriana.

Além das apresentações ao vivo, exposições de fotografia e vídeos mostraram o diálogo cultural entre o litoral catarinense e os antepassados do além-mar. Quem participa do Açor se encanta e quer voltar. “Colocar-se à disposição da cultura popular há 19 anos é uma das ações mais importantes da universidade, pois não adianta ter curso de mestrado e doutorado e ignorar essa cultura”, depôs João Lupi, cônsul de Portugal em SC. “Essa obra não existe em outro lugar. Quando vejo essas pessoas humildes se apresentando nos grupos de dança e folclore, percebo o orgulho de se sentirem reconhecidas por uma instituição como a UFSC”.



Alunos das escolas do município trouxeram trabalhos de pesquisa e valorização da identidade cultural açoriana



O autor registra que “houve quem destruiu os manuscritos nativos porque os consideravam inspirados pelo demônio”

Escrita e memória dos *ameríndios*

Miguel León-Portilla pretende contribuir, a partir da obra *Códices*, com a popularização de uma arte de expressão que prestou inestimável serviço à civilização

MOACIR LOTH
Jornalista da Agecom
lothmoa@gmail.com

Uma obra essencial para a cultura e resgate da história e da memória dos povos indígenas da Mesomérica. Assim pode ser definido o clássico *Códices – os antigos livros do Novo Mundo*, do historiador mexicano Miguel León-Portilla, publicado pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC), com tradução de Carla Carbone, da USP, e revisão técnica do pesquisador Eduar-

do Natalino dos Santos, que ressalta, na apresentação, a importância do estudo dos livros e manuscritos pictóglifos em tempos pré-hispânico e coloniais, com destaque para os famosos códices maia, mixtecos e astecas.

Miguel León-Portilla explica que os livros de pinturas e manuscritos mais antigos do Novo Mundo passaram a ser designados de códices. Códice, porém, do vocábulo *codex*, cujo significado é tronco, do qual esclarece o autor, surgiu outra acepção: tábuas onde se escreve. Logo, segundo esclarece León-

-Portilla, “aplicar o vocábulo *codex* e códice aos livros manuscritos guarda estreita relação com o conceito original de tábua onde se escreve”.

Esse conceito vulgarizou-se a partir do século XIX, principalmente após a publicação, no México e na Europa, de cuidadosas reproduções desses manuscritos, que passaram a ser conhecidos como “códices do México antigo”. Esses manuscritos datam do período clássico mesoamericano (“entre os séculos III e VIII d.C”). A utilização dos códices prosseguiu após a conquista do México. Mui-

tos outros continuaram a ser produzidos no período colonial, dos quais mais de 500 permaneceram conservados.

O desafio é desvendar o conteúdo dos códices, missão que, como nunca antes, mobiliza seletos pesquisadores de várias partes do mundo. Miguel León-Portilla, através do livro e das suas pesquisas, dá uma singela contribuição à comunidade acadêmica, além de popularizar uma arte de expressão e comunicação que prestou um inestimável serviço à civilização. Ele dá conta do recado em cinco capítulos.

Decifra-me ou...

O autor começa apontando o valor do livro no tempo, na escola, no governo, na administração pública e na vida da “gente do povo”. Lembra que “houve quem destruiu os manuscritos nativos porque os consideravam inspirados pelo demônio”. O fato é que sábios nativos sobreviventes continuaram elaborando novos manuscritos. Também, acrescenta León-Portilla, “frades, portadores de humanismo renascentista adquirido nas universidades, não só lamentaram as perdas como também quiseram compensá-las, resgatando o que puderam do antigo legado indígena”. Na sequência, enfatiza a relevância da relação existente entre a oralidade, isto é, a tradição comunicada de viva voz, e o conteúdo dos códices. “Isso foi fator-chave nas novas leituras de códices quando se quis transcrever o significado de suas pinturas e signos gráficos a textos indígenas redigidos com escritura alfabética”. No antepenúltimo capítulo, o intelectual descreve e analisa, à exaustão, os grandes momentos que marcaram as pesquisas dos códices, que, em muito, ajudaram a decifrá-

-los, tornando públicos os seus mistérios, mitos e segredos. No capítulo derradeiro, León-Portilla faz uma devassa dos livros, tanto os pré-hispânicos como os escritos no período colonial, oferecendo uma “leitura de algumas páginas de grande interesse em vários códices do altiplano central, do âmbito maia e de oaxaca”.

Apresentando uma abordagem plural e abrindo espaço para divulgação dos pontos de vista de uma variada gama de pesquisadores e instituições, o autor inclui ainda um apêndice que contempla os catálogos de códices mais representativos publicados até a atualidade. León-Portilla, ao produzir o clássico, confessa um desejo: “que os leitores valorizem também a riqueza desses códices e cheguem a se sentir atraídos pelo que devemos qualificar de autêntico tesouro”.

Para o diretor executivo da EdUFSC, Sérgio Medeiros, *Códices – os antigos livros do Novo Mundo*, se não o principal, é “um dos textos fundamentais sobre as escritas ameríndias”. Cabe ao leitor conferir.

A nova Bíblia de Mulher

Espécie de bíblia ou novo testamento de gênero no País. Não seria pecado se assim fosse batizado o livro *Nova História das Mulheres no Brasil*, organizado pelas historiadoras Joana Maria Pedro (UFSC) e Carla Bossanezi Pinski (Unicamp), obra plural e contextualizada que reúne a contribuição e a experiência de 25 pesquisadores, a maioria de historiadoras, “socorridas” também por sociólogas, antropólogas e jornalistas. As 560 páginas, que gozam do conceito da editora Contexto (SP), abraçam, de forma plural e interdisciplinar, quase todas as questões que mexem com a vida e a morte da mulher. “Temos aqui um livro para todos os públicos”.

Carla e Joana acreditam que “compreender as relações sociais por meio da História contribui para melhorar o entendimento entre as pessoas”. Coletiva, contextualizada e concatenada com o passado e a realidade, a obra é também um mosaico do mundo das mulheres e dos homens, dos filhos, das famílias, dos amigos, dos colegas. Além de entrar fundo nas relações de gênero, o livro debate, sem preconceitos, a violência, o assédio, o racismo, a homofobia, a prostituição, o desemprego, o aborto, a fome, a escravidão, o corpo, o feminismo, a mídia, o poder, as políticas públicas, o negro, o indígena, o Estado, a universidade e a sociedade (M.L.).

Para abrigar a saúde

Foi lançado em agosto na Fundação Badesc, na Capital, o livro *A história da saúde em Florianópolis. Instituições e patrimônio arquitetônico (século XVIII – década de 1960)*, organizado pela professora Ana Albano Amora com o apoio da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, do Rio de Janeiro. A pesquisa e a

publicação fazem parte da Rede Brasil de Patrimônio Cultural da Saúde, que inclui instituições de 11 capitais brasileiras. Ex-professora da UFSC, a autora conta a história de instituições e edificações construídas para abrigar funções no campo da saúde em várias regiões de Santa Catarina (P.C.S.).